A EXPERIÊNCIA DE UMA ARTISTA EDUCADORA REFLETIDAS NAS RELAÇÕES DA VIDA, DA CENA E DA SALA DE AULA

Ana Vitória Moreira Bella / Universidade Estadual Paulista

RESUMO
Este artigo busca traçar relações entre as experiências vividas por *A Digna Companhia* no processo de criação e circulação de sua obra *Denise desenha nas paredes* - tanto no aspecto da vivência da autora como artista-criadora, como dos relatos em rodas de conversas com a plateia - e o conceito de experiência na arte e na educação de John Dewey (1859-1952). Na experiência consumada de artista/educadora em diálogo com os espectadores (alunos e educadores) destacam-se diversos pontos também levantados por Dewey, que serão aqui aprofundados em reflexões multiarticulares dentre os campos de conhecimento que a atravessam.

PALAVRAS-CHAVE
arte educação; afetos; o educador espectador; o educador criador; John Dewey.

ABSTRACT
This article intends to identify relations among the experiences lived by *A Digna Companhia* in both the creative process and throughout the tour of the play *Denise desenha nas paredes* – in the aspects of the author's experience as a co-creator artist, as well as in the accounts of the talks with the audience – and in John Dewey's concept of experience in art and education (1859-1952).
Through the actual experience of the artist/educator in dialogue with the audience (students and educators), several points are emphasized as they were also raised by Dewey's questionings, that will be here deepened in multilinked reflexions among the fields interconnected to it.

KEYWORDS
art education; affection; the spectator educator; the creator educator; John Dewey.

John Dewey, em *Arte como experiência* (2010), afirma "[...] as obras de arte são os únicos meios de comunicação completa e desobstruída entre os homens, os únicos passíveis de ocorrer em um mundo cheio de abismos e muralhas que restringem a comunhão da experiência" (DEWEY, 2010, p.213). É a partir desta afirmação – talvez radical, mas certamente emocionante – e de relações com esta e outras obras do autor que iniciamos as reflexões incorporadas da autora deste artigo nas diferentes fases do processo de criação e circulação que viveu e ainda vive como artista atuante, arte-educadora, parte de uma obra, que tem a arte, a expressão da criança e a arte-educação como tema.

"A experiência é a arte em estado germinal" (idem, idbem, p.84). Assim foi com *Denise desenha nas paredes*, experiência do início em diante. Certamente no processo de criação de *Denise desenha nas paredes*, houve momentos de busca, de retomadas de outras experiências, vividas e conhecidas, de pausas, silêncios e dúvidas, e foi daí que se formou o grão de areia primeiro que se consuma na experiência do outro, da audiência, daqueles que vêm conhecer a história de Denise, nossa personagem. O processo de criação aconteceu como que numa gestação, até que em seu nascimento – a concretização da obra – apesar de efêmero, seja iluminado, onde por fim torna-se a experiência de fato, plena, trem, Maria-fumaça a gritar. A experiência que Dewey descreve como plena, que não tem espaços em branco, que se dá pela qualidade do movimento das ideias que vão se encadeando, ininterruptamente, a consumação da experiência da plateia que trava contato com a nossa história, as nossas histórias.

Banksy
Sem título, 2011
Grafite / obra de rua
Centro de Londres, Inglaterra

Denise é uma menina sensível, que gosta muito de desenhar, mas tem dificuldades com as propostas da sua professora de artes. Denise quer desenhar "o que mora dentro da gente, que a gente não entende, mas que quando a gente desenha, fica mais feliz do que quando come a última colherada da panela de brigadeiro".[1] A professora explica à Denise o que é, a seu ver, a arte de verdade, mas a menina não vê ali nada que a mova, esta arte apresentada como superior e refinada, apenas cria distâncias. Denise observa os desenhos na cidade e encontra o Homem B, um misterioso artista de rua, que mostra a ela possibilidades do desenho ser agente transformador do espaço público. Denise descobre, na criação conjunta de um estêncil como os de Banksy, uma forma de expressão significativa para ela mesma e capaz de emocionar até mesmo o diretor da escola.

Desde o início do processo de criação de A Digna Companhia podemos observar a relação com a experiência estética de Dewey. Primeiramente houve um levantamento de lembranças e retomada das experiências que nos movem, que acabam por engravidar de certo modo o texto final da história de Denise. Nessa retomada, viajamos por nossas relações com a expressão pela arte, com o desenho e a visualidade.

Mergulhamos também nesta fonte de inspiração da obra, o artista britânico de identidade não revelada, que atua sob o codinome Banksy[2], as intervenções deste artista em diferentes partes do mundo nos inspira justamente pela não separação entre arte e vida, já que o artista tem como seu principal suporte o espaço da cidade.

Victor Nóvoa, artista dramaturgo integrante de A Digna Companhia consegue em seu texto trazer a historia de Denise, a inspiração no artista e também traços destas experiências individuais.

Como quando trata das cartas de Van Gogh, Dewey se debruça sobre o que há de experiência na obra de arte: "O significado que está além da experiência privada do pintor, algo que ele considerou estar potencialmente presente para outros. A incorporação disso, foi o quadro" (DEWEY, 2010, p.185). Denise para nós, não se trata de uma representação externa, nem tampouco de uma visão subjetiva sobre o tema, porém, sem emoção não há arte e sem dúvida seguem aqui as emoções dos artistas envolvidos.

Em um próximo momento, no aprofundamento dos trabalhos na materialização da história, é na experiência como atriz que a autora deste é mordida pela emoção no sentido de Dewey. Descobrir um personagem, antes e acima de tudo, envolve amor. Foi assim que o diretor do espetáculo, Prof. Dr. Vinícius Torres Machado, também arte-educador, conduziu a criação dos personagens que antagonizam com Denise. Como esta historia reflete nossas crenças sobre o que seriam caminhos mais interessantes para se lidar com a expressão da criança, tudo que não vai de encontro aos pensamentos e ações da personagem principal, vai também contra nossos princípios. O fluxo simbólico que carregam as frases da Primeira da Classe e da Professora (personagens da peça) não é casual, ele está ali para expressar as crenças mais emocionadas deste grupo de indivíduos. Como fazê-lo sem que transpareça acima de tudo a crítica intolerante ao pensamento diverso? Com amor.

Ao encontrar-se com a personagem da primeira da classe, a autora, que nunca viveu essa experiência com sucesso – a de ser a aluna preferida da professora, a que faz "tudo certo"- necessitou da intervenção acertada e cuidadosa da direção, para que não se sobrepusessem na interpretação as críticas e o julgamento sobre

as ações e características da personagem, evitando assim sutilezas de um estereótipo que poderiam desumanizar a figura e torná-la assim um ser de características superdimensionadas, distanciando-a do público. Apesar da preferência absoluta da plateia por Denise e suas respostas, a cada apresentação constroem-se pequenos momentos sublimes, em que se comprova a humanização da antagonista, por exemplo, quando aplaudem também o seu desenho estereotipado e não apenas a obra de Denise, tendência natural da lógica do texto. Neste momento a atriz experimentando na pele da personagem a emoção da aluna que recebe o reconhecimento da platéia, também vive uma experiência plena na imaginada e desejada, possivelmente alcançada competência de comunicação.

Ser professora da Denise na vida real seria trabalhoso, mas sem dúvida, um prazer. No entanto, quantos tons de Denise e Primeira da Classe ou tantos outros, variações entre as duas e além, apresentam as pessoas reais com quem nos deparamos todos os dias? Na construção da Primeira da Classe, é possível afirmar que permeia a personagem o amor por cada momento em que uma criança ansiosamente precisava participar antes mesmo de poder ouvir como, daquela outra que precisa estar a frente e se preciso for, derrubará, fisicamente quem estiver em seu caminho, tudo para perceber-se ali presente, para ter sua existência e expressão reconhecida.

A personagem da Professora é um convite à auto-crítica a todas as pessoas que já experimentaram esta posição de mediação em sala de aula. Quantas vezes não somos tentados pela possibilidade de fazer surgir a Rosa de Paracelso, como no conto de Jorge Luis Borges, e afirmarmos categoricamente, que alguma coisa é arte, ou ainda mais arriscado, negarmos. É numa tentativa genuína de abrir espaço para as experiências que julgamos melhores, que muitas vezes, nos esquecemos que nesta visão *deweyana*, pouco podemos interferir na experiência do outro.

Em apresentações para a escola, é comum recebermos crianças que nunca entraram antes em uma sala de teatro. Somos privilegiados então com uma platéia em estado borbulhante de abertura, a experiência se inicia no momento em que essa criança entra naquele espaço: tudo já tem significado, na realidade, antes, no

trajeto, os amigos e, claro, a professora que a acompanha, tudo é experiência para a criança neste momento. Naquele intuito verdadeiro de proporcionar uma melhor oportunidade, de mediar, é muito comum ouvirmos a preocupação das professoras com o silêncio na sala de espetáculo. Silêncio! Silêncio?

Abrem-se as cortinas, uma menina de pijama meio humana, meio criatura de desenho animado, tridimensional, surge de costas desenhando em uma tela azul luminosa. A tela tem desenhos, desenhos animados como já viram antes, mas também diferentemente interessantes. O clima é permeado por uma música que flutua nos ouvido. Qual alternativa lhes resta a esse público, grupo constituído, que está junto nesta jornada há horas, ao se dar conta do início, se não gritar de emoção? Porque julgamos "normais" os fãs de futebol que se esgoelam por suas janelas ao início de um jogo, se a essas crianças não é dado o direito de ter reação semelhante? É grito, não tem palavra ainda, não tem forma porque é emoção pura, e a professora se preocupa com os "modos", dolorosamente.

O que é da arte se não vida? Como ensina Dewey, cria-se um abismo entre a arte refinada e a experiência do humano, cria-se essa necessidade de contemplação imóvel da arte, tornam-se objetos "desvinculados da experiência comum e servem de insígnias de bom gosto e atestados de uma cultura especial" (DEWEY, 2010, p. 60). Queremos mais é que gritem, gritaremos junto se for preciso para que também possam nos ouvir, ou aguardaremos até que possam nos ouvir, contanto que estejam conosco, ali no momento presente, vivendo. Isso sim, é arte.

Além do exemplo acima, um dos mais extremos com relação à mediação do educador com a obra, há ainda outros níveis de ansiedade que seriam interessantes destacar, especialmente quando pensamos nos grupos de professores que encontramos para oficinas. A espera, os silêncios e vazios que permeiam o tempo para que se dê a experiência. O discurso algumas vezes reflete o que se pensa, muitas outras o que se pensa pensar. A construção da identidade enquanto educadores pode mesclar discursos emprestados, alguns não apropriados, mas eficazes na representação político-social de ser um profissional comprometido, engajado, estar atualizado. É menos comum do que gostaríamos um enfoque na

experiência do mediador e cria-se muitas vezes, pela necessidade, um professor repetidor. Curiosamente, espera-se deste mero repetidor, em situações como esta, uma atitude de mediação. O conceito de Dewey de consumação da experiência, neste contexto onde discurso e prática se distanciam, confunde-se facilmente e ele passa a ser somente a expectativa por um resultado. Espera-se desde o início a consumação, mas com pouco tempo para o processo, não há tempo de encontro, seja pela necessidade de cumprir com o currículo, com as expectativas da escola, ou mesmo e simplesmente, com as ansiedades do ser humano educador(a). Esta pessoa que não se dá conta muitas vezes de sua própria ansiedade e corre o risco, como corremos todos, diariamente, de interferir e inclusive por em risco a experiência que pretende mediar.

Retomando o fato de que é mais comum encontrar, entre alunos em sala de aula ou professores nas oficinas, tonalidades de Denise e Primeira da Classe, ao invés de uma dessas personagens em sua forma pura, inteira ou pronta. Podemos intuir, assim sendo, que só haverá espaço para a manifestação do dizer significativo quando houver acolhimento no receber de seus dizeres, além da necessidade genuína de dizer sobre sua experiência. Caso contrário, estaremos sempre presos a repetições sem alma, como afirma Dewey: “There’s all the difference in the world between having something to say, and having to say something.”[3] (DEWEY, 1907, p. 66).

Torçamos que haja para nós, integrantes de A Digna Companhia, que atuamos como mediadores (as) de oficinas e educadores (as) em escolas, a esperança de Ranciére por um mestre ignorante, capaz de mediar aquilo que não conhece, já que afinal, somos todos ignorantes sobre o que causará o mágico e extraordinário movimento da experiência do outro. Que sejamos capazes de convidar e acompanhar o outro e colaboremos assim com a formação do pensamento critico, da capacidade de lidar com a diversidade.

Pensemos então a arte como uma representação afetada e afetiva daquilo que foi experiência para seu criador e, no caso do teatro, torna a repetir-se idealmente em experiência, inclusive para o artista, a cada apresentação. O aprendizado pela experiência estética para Dewey se comprova novamente ao final desta experiência

de escrita, onde a autora, ao se reencontrar com tais momentos, reflete, revive e refaz essa trajetória, confirmando suas escolhas e realimentando seu fazer artístico e ampliando um pouco mais as possibilidades como educadora-mediadora entre a arte e a experiência estética latente em cada vida que cruze.

Este artigo se encerra muito mais em apontamentos do que em conclusões, quase que numa tempestade intuitiva de levantamentos ainda a serem mais amplamente debatidos. Ao travar o encontro do pensamento de Dewey, pode-se perceber que há muito espaço para mais e mais aprofundamento, tanto nas relações quanto nas possíveis ações decorrentes desta. As experiências de Denise e da autora deste prosseguem, pois a arte dá conta de um universo muito mais amplo do que se dá conta o artista, e é no encontro com o outro que ambos, artista e público, podem experienciar novos significados e descobertas, como percebido por Banksy: "I'd been painting rats for three years before someone said 'that's clever, it's an anagram of art' and I had to pretend I'd known that all along".[4]

Notas

[1] O texto citado é uma fala do texto de Victor Nóvoa escrito para a peça Denise Desenha nas Paredes da Digna Companhia de Teatro e Dança que estreou no Festival Cultura Inglesa em maio de 2014 em SP.

[2] Para mais informações sobre Banksy: http://banksy.co.uk/

[3] Há todas as diferenças no mundo entre ter algo a dizer e tem que dizer alguma coisa. Tradução da autora

[4] "Eu já vinha pintando ratos por três anos até que alguém me disse 'que inteligente, é um anagrama de arte (rat/art em inglês) e tive que fingir que eu sempre soube disso."(tradução da autora de BANKSY, 2007, p 88)

Referências

BANKSY. *Wall and Piece*. London: Century. 2005

BORGES, Jorge Luis. A Rosa de Paracelso. In *Obras completas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo. Martins Fontes, 2010.

_____ "The School and the Life of the Child," Chapter 2 in *The School and Society*. Chicago: University of Chicago Press. (1907): 47-73.

NÓVOA, Victor. *Denise desenha nas paredes*. Texto não publicado.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Ana Vitória Moreira Bella
Mestranda em arte educação pela UNESP. Bacharel em Relações Internacionais pela PUC–SP (2001), bailarina e atriz, fundadora de A Digna Companhia de Teatro e Dança, arte-educadora, atua em cursos extracurriculares e espaços de brincadeiras convidando crianças e adultos a experimentarem a dança por um olhar mais respeitoso com os corpos e expressões de si.